

EDUCAÇÃO PARA A MORTE UMA TRAJETORIA PEDAGOGICA

EDUCATION FOR DEATH, A
PEDAGOGICAL TRAJECTORY

MARIA LUCIA BRONDI*,
MARIA RENATA GENTIL BELLIZZI*,
MAGALI ROSEIRA BOEMER**

RESUMO

A revisão da literatura permitiu observar que a recomendação de estar educando para a morte vem fazendo parte do discurso de autores como Boemer (3), Kovacs (18), Torres (27), e nesse sentido, há iniciativas que têm procurado possibilitar algum preparo aos educandos no sentido de intervir em situações que envolvem a morte. A nossa inquietação em relação ao tema nos levou a uma proposta pedagógica para alunos do curso de Auxiliar de Enfermagem, na qual procuramos contemplar uma educação para a morte segundo o referencial fenomenológico particularmente no pensamento heideggeriano. Segundo Critelli (13), pensar a educação a partir de Heidegger exige de nós uma preocupação com a educação mesma e não em nos engajarmos num apenas construir técnicas de ensino. O fenômeno educação encontra sua possibilidade de realização na relação homem-homem, o lugar onde enxergamos o homem-sendo-com-os-outros-homens de uma maneira especial. E nestes sermos-uns-com-os-outros que a educação encontra sua oportunidade de realização. A nossa proposta pedagógica, foi dirigida a uma turma de alunos do Curso de Auxiliar de Enfermagem, constituída por educandos que são atendentes de Enfermagem do hospital ao qual o curso é anexo. Tal ação pedagógica permeou o curso em seis diferentes momentos acadêmicos, ou seja, momentos em que a morte se mostrava a esses alunos e, considerando esse mostrar-se, os educandos recebiam textos para leitura pertinentes às situações vivenciais potencialmente encontradas nos estágios. Às leituras dos textos seguiram-se discussões com nossa presença. Num sexto e último momento acadêmico deste convívio solicitamos que os alunos redigissem um depoimento individual a respeito do significado dessa proposta de educação para a morte aos seus olhos. Todos os seis momentos acadêmicos de abordagem do tema foram permeados por muitos questionamentos e relatos de experiências pessoais dos educandos revestidas de dificuldades no lidar com a morte. As discussões passaram necessariamente pela questão da assistência e que envolvem todas as pessoas que cuidam do doente. O referencial de educação que norteou a ação pedagógica mostrou-se pertinente à natureza do tema. Foi possível aos autores resguardar aquilo que se lhes mostrava essencial: a condução dos educandos para outras dimensões de seu ver, entender e interagir nas situações de seu cotidiano de trabalho nas quais a morte se faz presente. Para tanto foi necessário criar em cada encontro um invisível e infinito espaço vivencial.

Unitermos: Educação para a Morte; Morte; Dimensão Pedagógica da Morte.

*Enfermeiras Professoras do Centro Interescolar do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP. Bolsistas de Aperfeiçoamento do CNPq.

**Professora livre-docente aposentada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. USP. Orientadora do projeto "Estudos sobre a morte".

SUMMARY

A literature review has permitted to observe that the recommendation to educate for death is part of the discourse of authors such as Boemer (3), Kovacs (18), Torres (27) and in that sense there are initiatives which are attempting to make possible to prepare subjects aiming situations involving death. Our inquietude in relation to the theme led us to a pedagogical proposal for the participants of the Nursing Auxiliary Course aiming to contemplate an education concerning death according to the phenomenological referential particularly the Heideggerian thought. According to Critelli (13), to think about education according to Heidegger demands a preoccupation with education itself not engaging ourselves exclusively in the elaboration of teaching techniques. The phenomenon education meets its possibility of realization in the relationship man-man, where we find man-with-other-men in a special manner. It is in this to-be-with-the-others that education finds its opportunity of realization. Our pedagogical proposal was directed to the participants of the Nursing Auxiliary Course, annexed to the hospital where they work as nursing attendants. Such pedagogical action permeated the course in six different academic moments, that is, moments in which death faced those students and, considering this, the students were given texts to read pertinent to life situations potentially found during the training periods. After the reading, the texts were discussed with our participation. In the sixth and last academic moment of this contact we asked the students to write an individual testimony concerning the meaning of this proposal of education for death according to their view. All six academic moments approaching the theme were permeated by questioning and several reports of personal experiences burdened by difficulties in dealing with death. The discussions necessarily went through the issue related to assistance which involves all people who take care of the sick. It was shown that the referential of education which guided the pedagogical action was pertinent to the nature of the theme. It was possible for the authors to protect what appeared essential: the direction of the students to other dimension of viewing, understanding and interacting in daily work situations in which death is present. With this in mind, it was necessary to create in each encounter an invisible and infinite life experience space.

Keywords: Education for Death; Death; Pedagogical Dimension of Death.

INTRODUÇÃO

Enquanto enfermeiras inseridas no contexto de um hospital-escola nosso conviver com a morte tornou-se uma experiência inquietante, visto que o conhecimento que tínhamos do tema era muito obscuro, embora diante de um fenômeno tão cotidiano para nós.

Posteriormente, como professoras de uma escola de formação profissionalizante para auxiliares de enfermagem, sentimos a necessidade de buscar conhecimentos que, de alguma forma, nortearassem o nosso agir diante da morte, possibilitando uma melhor formação dos futuros profissionais no que se refere ao lidar com situações onde o morrer se faz presente.

Assim, em 1992, procuramos pelo curso de atualização "O tema da morte na área da saúde", oferecido pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, o qual nos possibilitou refletir sobre o tema juntamente com outros profissionais. Esta experiência foi importante na medida em que muito contribuiu para diminuir nossa ansiedade diante de situações de morte e possibilitar uma abordagem mais huma-

na à pessoa angustiada diante de uma perspectiva mais aguda de sua própria morte.

Este curso se constituiu num momento relevante, precisamente pelo fato de nos levar à vizinhança daquilo que buscávamos.

Após seu término nos inserimos, na qualidade de bolsistas de aperfeiçoamento, num projeto de pesquisa, cujo propósito é estudar o tema da morte segundo diferentes perspectivas sob uma metodologia de pesquisa qualitativa. Este foi, então, o primeiro passo em direção a uma proposta pedagógica envolvendo o tema da morte direcionada a profissionais de nível médio da área de saúde. Tal projeto é subsidiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq).

Inicialmente, uma revisão da literatura nos mostrou que a morte tem sido objeto de vários estudos das ciências humanas, requerendo uma visão mais abrangente de suas várias facetas e um enfoque multidisciplinar (2, 28).

O estudo de Boemer (4) contém uma síntese do pensamento dos autores desses estudos e nele um capítulo é reservado para a questão da morte na área de saúde. Essa autora procura pontuar a

relevância com que as pessoas do serviço de enfermagem se revestem no que tange às situações de morte e morrer, dado o seu interagir com o doente de forma muito próxima, constante, favorecendo a criação de vínculos.

Por outro lado, a literatura sobre o tema também vem alertando para a necessidade de um investimento na área educacional, recomendando às Escolas de Saúde que introduzam, em seus programas de formação, conteúdos que possibilitem algum preparo para os futuros profissionais no que tange ao lidar com situações onde a morte se faz presente (17, 18, 21, 4, 20, 27).

Após estas primeiras leituras tornou-se clara a necessidade de comprometermos com um trabalho pedagógico envolvendo o tema da morte e nos propusemos, então, a uma revisão de publicações específicas sobre educação e morte.

O estudo de Boemer (3), des-velando facetas do morrer, atenta para a importância de um investimento pedagógico. Segundo a autora, enquanto persistirem as propostas educativas no sentido de preparo dos profissionais da saúde para enfrentar a morte, o morrer será sempre considerado um desafio a ser vencido e não um momento da existência humana que, vivido com autenticidade, é a expressão máxima da liberdade do Ser.

Kovacs (18), em sua tese de doutorado, sugere a criação de uma disciplina optativa "Psicologia da Morte" no curso de graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo para sensibilização, reflexão e discussão do tema. Este curso não tem como objetivo preparar alguém para lidar com a morte pois, dado que não sabemos qual é a melhor forma de lidar com ela, não parece viável uma preparação neste sentido.

A "preparação" que o curso possibilita são momentos de reflexão, troca e abertura para idéias novas, como os alunos tão bem expressaram nesse estudo.

A experiência tem permitido à autora avaliar a importância deste conteúdo para a formação dos psicólogos e a necessidade de que outros cursos de psicologia e da área da saúde tomem essa experiência como exemplo para a formação de um profissional mais sensível às necessidades de seus clientes.

Torres (27) e colaboradores concluem em um estudo sobre sondagem de atitudes frente à morte em universitários das áreas de saúde, psicologia e teologia que o conflito gerado no grupo de enfermeiros pelo desequilíbrio entre o nível de responsabilidade no cuidado com o corpo e o baixo nível de poder de decisão o leva a utilizar, mais que outros grupos, o mecanismo de depressão culposa e paralisante. Esses autores alertam para um possível ponto de atrito com a equipe médica a qual é revestida deste poder de decisão.

Campbell (11), citado por Torres (11) e colaboradores, sugere que o profissional de enfermagem percebe a morte de maneira diferente do médico, em consequência da distinção de seus papéis profissionais. Nesse estudo, as respostas dos médicos centralizam-se em torno da noção de "alguém que é responsável" e as dos enfermeiros em torno da idéia central de "alguém que cuida"

Quint (26), enfermeira e cientista social, atenta para ênfase que é dada às técnicas de prolongar a vida e às tênues esperanças de recuperação as quais não encontram equivalência na atenção em proporcionar conforto àqueles que vão morrer.

É difícil manter o paciente vivo a todo custo e, simultaneamente, ajudá-lo a morrer de forma digna e confortante. Lembra essa autora que estes dois objetivos conflitantes tornam-se mais difíceis de atingir pela relativa irrelevância conferida à conversação como elemento valioso na prática de enfermagem profissional.

Pires (24) observa que em nosso tempo é curioso notar que só cuidamos da educação para a vida; esquecemo-nos de que vivemos para morrer. A morte é o fim inevitável e, no entanto, chegamos a ela sem o menor preparo. Para esse autor, a educação para a morte não é nenhuma forma de preparação religiosa para a conquista do céu. É um processo educacional que tende a ajustar os educandos à realidade da vida, que não consiste apenas no viver, mas também no existir e no transcender. Entende ainda que a vida e a morte constituem os limites da existência.

Para esse autor, a educação para a morte é, portanto, a preparação do homem, durante a sua existência, para a libertação do seu

condicionamento humano, mas é à Educação e à Pedagogia que, em última instância, cabe hoje a responsabilidade de elaborar os programas de orientação educacional de todos nós para o ato de morrer.

Boemer (5) e colaboradores relatam que, apesar de algumas iniciativas de escolas de saúde em procurar possibilitar algum preparo aos seus alunos com vistas a intervir em situações que envolvam a morte e o morrer, estes esforços têm sido insuficientes numericamente e seus resultados não se mostram efetivamente sensíveis no cotidiano das instituições de saúde. Nesse estudo relatam e analisam a proposta de uma educação dirigida a alunos do curso de graduação em Enfermagem (5) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP. Assim, já no 1º ano deste curso, o tema é abordado aos alunos matriculados na disciplina "Instrumentos Básicos de Enfermagem".

Esta abordagem é retomada no 2º ano de graduação quando esses alunos cursam a disciplina "Fundamentos de Enfermagem" e iniciam, portanto, sua prática hospitalar através de estágios. Nesse momento, muitos já experienciam o relacionamento com pacientes terminais ou presenciam situações de morte no hospital. Desta forma, essa abordagem possibilita aos alunos uma nova visão sobre o papel da enfermagem no que concerne às situações de morte.

Estar aprendendo sobre este tema mostrou-se aos alunos como algo importante. O falar sobre o assunto, ainda que sob o enfoque da morte do outro, no cotidiano do mundo das enfermarias do hospital os leva enquanto homens a pensar na própria morte.

Ao analisar essa experiência, os autores enfatizam a necessidade de introduzir a abordagem de educação para a morte no início do curso de graduação, não só das escolas de enfermagem, mas de escolas que habilitam seus alunos para profissões da saúde. Esta abordagem precisa abranger o curso como um todo, permeando o conteúdo das diversas disciplinas e criando espaços nos estágios para a discussão e reflexão.

Num outro momento, Boemer (6) e colaboradores experienciam e relatam o estar educando para a morte em curso de aperfeiçoamento, oferecido a enfermeiros assistenciais e profissionais de outras áreas. Este curso tem sido oferecido pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo com o objetivo de uma proposta educacional sob a perspectiva de que se constituísse num caminho para que situações envolvendo a morte pudessem ser discutidas enquanto objeto de reflexões.

Nessa experiência os autores procuraram contemplar o referencial educacional segundo o pensamento de Heidegger (16), conduzindo os profissionais por um processo educacional que possibilitasse uma nova condição existencial em seu ver e entender a morte.

Conforme referimos no início tivemos oportunidade de realizar este curso que nos motivou para o presente trabalho. Sentimos, durante todo esse caminhar, a importância de investir os conhecimentos adquiridos numa proposta de educar alunos do curso de auxiliar de enfermagem para as situações de morte e de morrer.

Assim, a partir dessa clientela de educandos que se constitui num grande contingente da força de trabalho em enfermagem e segundo a proposta heideggeriana para educação nos propusemos a elaborar uma proposta pedagógica para o tema da morte.

1.1. A Proposta do Estudo

De acordo com Gadotti (15), o apelo ao cotidiano torna-se como que o horizonte de toda pesquisa em educação. Sob essa ótica é que nos propusemos a uma abordagem educacional sobre o tema da morte a alunos do curso de auxiliar de enfermagem. Tal proposta foi dirigida a uma turma de vinte alunos deste curso, constituída por educandos que já são funcionários do Serviço de Enfermagem do Hospital ao qual o curso é anexo. A essa clientela de educandos é que destinamos nosso primeiro investimento pedagógico acerca do tema da morte e do morrer.

Convivendo com funcionários deste Serviço já há alguns anos, temos co-habitado o mundo-vida de um hospital, das especificidades das diferentes enfermarias e setores e compartilhado o cotidiano da enfermagem no cuidado ao doente.

Esses educandos são trabalhadores da saúde em diferentes setores do Hospital, com um grande número de anos de trabalho. Sua idade cronológica variou de trinta a sessenta anos, com predominância do sexo feminino.

Do ponto de vista motivacional para essas pessoas, a procura pelo curso de auxiliar significa, fundamentalmente, uma forma de melhor remuneração salarial, além de cumprir a atual regulamentação profissional que prevê a formação mínima de auxiliar de enfermagem para o exercício profissional.

Dado que essas pessoas já habitam o mundo de um hospital-escola, trazem consigo, quando procuram pelo curso, um tempo vivido que inclui, desde a expectativa da aprendizagem em si até sentimentos de conflito, frustração e, algumas vezes, revolta. Todos estes sentimentos, interligados às condições de trabalhos pouco satisfatórios, à grande rotatividade de plantões, aos horários das aulas subsequentes ao horário de trabalho noturno, nos colocaram diante de uma clientela muitas vezes cansada, pouco receptiva à aprendizagem, à reflexão, com pressa de retornar aos seus afazeres ou ao descanso.

Se pensarmos a educação enquanto abertura de possibilidades para Ser, segundo o pensar a educação no referencial de Heidegger (16), a proposta deste estudo passa a se constituir num duplo desafio: de um lado, o tema da morte, temático, difícil de ser tratado e, de outro, educandos com grande potencial humano, mas carecendo de projetos em seu vir-a-ser, em suas perspectivas futuras.

O REFERENCIAL TEORICO - METODOLOGICO

Considerando todo nosso pré-reflexivo sobre o tema da morte que envolve os conhecimentos advindos das leituras e os vivenciais, nos

propusemos à abertura de um espaço no curso de auxiliar de enfermagem que nos possibilitasse um educar para a morte, a partir do existir desses educandos.

Assim, a proposta de educação que se mostrou significativa a nós foi aquela concernente ao pensamento heideggeriano.

Segundo Critelli (13), pensar a educação a partir de Heidegger, exige de nós uma preocupação com a educação mesma e não em nos engajarmos num apenas construir técnicas de ensinar.

Essa autora afirma que o fenômeno educação encontra sua possibilidade de realização na relação homem-homem, o lugar onde enxergamos o homem-sendo-com-os-outros-homens de uma maneira particular. É neste sermos-uns-com-os-outros, na circumundaneidade do existir cotidiano fundamental do Ser, que a educação encontra sua oportunidade.

Sob essa perspectiva, a educação pode resgatar seu sentido original de autoridade enquanto “fazer crescer” (*angere-late*) e precisa ser compreendida como um processo de condução. O professor é, fundamentalmente, um facilitador nesse processo, conduzindo os educandos por outras regiões de seu pensar.

Nesse sentido, Martins (22) nos lembra que o termo Educação, no sentido original (*ex-ducere*), indica sair de um estado ou condição para outro. Os educandos são, necessariamente, os sujeitos dessa condução e, desta forma, a educação se dá numa relação dialética, pois trata-se de uma relação de zelo ou cuidado entre educador e educandos.

Ainda segundo esse autor, uma proposta educacional fundamentada nesse referencial envolve a transformação da experiência pessoal e, conseqüentemente, da consciência.

O termo consciência não se refere aqui a um conjunto de neurônios ou a qualquer parte do organismo. Refere-se a um estado de alerta para o mundo.

As leituras que abordam a educação segundo essa perspectiva, se por um lado nos fascinaram e projetaram novos horizontes para uma ação educativa plena, por outro nos lembravam de um contexto educacional instrumentalmente pouco acessível a esse pensar a educação. A realidade

que se nos impunha era a de um currículo já elaborado, com conhecimentos estanques e normas regimentais a serem obedecidas.

Entretanto, apesar dos cerceamentos inerentes a esta estrutura educacional já dada, optamos por nos debruçar numa proposta educativa que contemplasse, ainda que em parte, um processo de condução dos educandos para outras regiões de seu ver e entender a morte.

Desta forma, selecionamos momentos acadêmicos que poderiam estar propiciando novas vivências de morte, seja pela especificidade de uma clientela de pacientes ou de um determinado setor.

Mesmo considerando a fragmentação do ensino em disciplinas estanques, tais como: Introdução à Enfermagem, Enfermagem Médico-Cirúrgica, Materno Infantil e Saúde Pública, planejamos uma ação pedagógica que contemplasse não as divisões, mas a clientela de pacientes envolvida nessas abordagens, tal qual iria se mostrar aos alunos nos estágios curriculares nesses diferentes momentos do seu curso.

2.1. Trajetória Pedagógica

A ação pedagógica permeou o curso em seis diferentes momentos acadêmicos, ou seja, momentos em que a morte se mostrava aos alunos em diferentes contextos e, considerando esse mostrar-se, os educandos recebiam textos pertinentes às situações vivenciais potencialmente encontradas nos estágios dessas disciplinas.

Segundo Gadotti (15) a palavra texto vem do latim *textus*, que quer dizer "tecido", "trama", encadeamento de uma narração. Lembra o autor que, metaforicamente, indica uma elaboração, uma disposição de elementos para chegar a um tecido. Numa primeira conotação o texto é uma obra acabada mas, sua relação com a narração dá ao texto uma segunda conotação: a de reenvio ao seu autor, quer dizer, seu inacabamento.

Este autor, ao se referir à compreensão de um texto, remete-se à tarefa da hermenêutica - interpretação enquanto um caso particular de compreensão.

A hermenêutica, ao conter essa dimensão pedagógica, possibilita que uma leitura se constitua num momento propriamente pedagógico, através do qual compreender um texto não se limita a captar a intenção do autor nem, tampouco, restaurar o sentido que o autor lhe outorgou. Mas, o sentido de um texto é a possibilidade que ele oferece ao leitor de superar-se.

Sob essa perspectiva ou melhor, dela tentando nos aproximar, é que selecionamos vários textos sobre o tema da morte para serem lidos pelos alunos, em diferentes momentos de seu curso.

Às leituras dos textos seguiram-se discussões, sempre com a nossa presença. Planejamos um mínimo de intervenções de forma que o educando pudesse se perceber como sujeito dessa proposta. Não havia rigidez no horário para essa leitura, além do limite natural fixado pelo horário das aulas.

Iniciando a nossa proposta, introduzimos a abordagem do tema morte aos alunos no final da disciplina teórica de Introdução à Enfermagem, utilizando como referencial o estudo de Kübler Ross (19, 20), nos quais esta autora identifica, a partir de seu trabalho com pacientes à morte, fases ou estágios pelos quais ele passa ao perceber a iminência de morte. Estes estudos foram selecionados por considerarmos que a autora, apresenta essas fases ou estágios de forma didática e clara, possibilitando aos alunos a identificação da literatura com seu cotidiano de trabalho e de estágio.

O desconforto manifestado logo de início foi amenizado pelo posterior relato de situações experienciadas pelos alunos, as quais vieram ao encontro dos estudos de Kübler Ross (19, 20). Os educandos solicitaram novas abordagens com o objetivo de aprender mais sobre o tema.

Seguindo a proposta de estar permeando o conteúdo das várias disciplinas do curso, foram selecionados, para um próximo momento, os estudos de Boemer e cols. (7, 8, 14) que enfocam a morte em paciente geriátrico, a morte na unidade de terapia intensiva e o significado do cuidado do paciente com A.I.D.S. . Cabe lembrar que esses

alunos, nesse momento de seu vivenciar o curso, estagiavam em unidades de clínica médica, onde é grande o número de pacientes idosos, pacientes portadores de doenças graves, consideradas terminais, incluindo os portadores do vírus H.I.V., já com manifestações clínicas da doença.

Essas considerações revestem-se de grande importância diante de um pensar a educação no referencial fenomenológico, segundo o qual é necessário levar o educando pelo caminho da busca do conhecimento daquilo que tem significado para ele. Através de reflexões sobre o tema procuramos conduzir o educando ao desenvolvimento da consciência das coisas e dos fatos que circundam o “ao redor” do seu estagiar nessas enfermarias.

Os alunos, divididos em três grupos, ocuparam-se das leituras dos textos referidos anteriormente e para o que dispunham de aproximadamente 40 minutos. Dado que cada grupo realizou a leitura de um texto, solicitamos para um relator expor o conteúdo para os demais alunos.

O primeiro relator a manifestar-se foi o do texto que tratava sobre o Significado do Cuidado do Paciente com A.I.D.S. (14). Os educandos haviam recentemente terminado o estágio numa clínica de moléstias infecto-contagiosas onde se depararam com estes pacientes. Identificando-se com as análises das autoras, a exposição do texto lido gerou a verbalização de muitas dificuldades sentidas por eles ao estagiarem neste setor. As condições impróprias de trabalho, citadas pelas autoras, também foram relatadas pelos alunos, assim como os sentimentos de impotência e raiva e do não saber o que fazer diante do paciente.

A orientadora do presente trabalho percebeu que havia sentimentos de agressividade manifestados na verbalização do relator deste texto. Este relator entendeu que as autoras estivessem fazendo cobranças ao pessoal auxiliar e lembra que este pessoal sente-se angustiado numa situação que não sabe como e o que fazer. A orientadora, então, entrevistou no sentido de buscar um melhor entendimento.

Esta aula foi percebida por nós como um desabafo dos alunos proporcionando muitos questionamentos e reflexões, permitindo o emergir de conflitos e medo. Deter-nos nestas discussões foi necessário, mesmo tendo que abrir mão da discussão dos outros dois textos. Foi para nós um momento decisivo pela confirmação de nossa coerência e autenticidade em relação ao referencial de educação que norteia a proposta. Não se tratava de cumprir uma tarefa proposta, mas de resguardar um referencial que se propunha a contemplar o educando como sujeito e co-determinador do seu processo de educação.

A importância dessa autenticidade do professor é mencionada por Bicudo (10) em estudo sobre a educação centrada no aluno. Essa autora lembra que numa proposta educativa dessa natureza é fundamental o respeito ao Ser do aluno, à sua disponibilidade pessoal para estar aprendendo.

Prosseguindo com a proposta na disciplina Enfermagem Ginecológica e Obstétrica abordamos o estudo de Popim & Barbieri (25) sobre o significado da morte perinatal.

Para a leitura do texto, os alunos se dividiram espontaneamente em grupos de 3 e 4 pessoas e, em seguida, passamos à discussão.

As facetas desveladas pelas autoras do referido trabalho com relação ao significado da morte perinatal através dos depoimentos das mães foram ao encontro das verbalizações dos alunos em relação ao significado da morte perinatal através dos depoimentos das mães foram ao encontro das verbalizações dos alunos em relação às suas experiências.

A necessidade de se repensar a assistência de enfermagem à mãe e familiares, que vivenciam uma situação da morte do filho, necessidade essa recomendada no texto, foi claramente enfatizada pelos alunos que, no entanto, percebem esta assistência vinculada às decisões médicas e rotinas pré-estabelecidas que se chocam com uma questão essencialmente singular.

Assim, a discussão deste texto foi muito relevante por propiciar a reflexão sobre a prática profissional.

Para a disciplina de Enfermagem Cirúrgica selecionamos o texto "A idéia de morte em Unidade de Terapia Intensiva" (8), oferecendo uma oportunidade para sua leitura prévia.

Observamos de início uma manifestação de apatia em relação à discussão deste texto, apatia essa que após as primeiras colocações foi se atenuando, cedendo lugar a muitos questionamentos e expressões de sentimentos de impotência, raiva e culpa em relação à infra-estrutura hospitalar, aos conflitos com a equipe médica no que se refere às relações de dominação/subordinação. Esta raiva é dirigida mais acentuadamente ao pessoal médico e o sentimento de impotência e culpa mais dirigidos ao paciente, à situação que o cerca.

De uma forma natural, as extrapolações e reflexões dos alunos foram permitindo o emergir de uma análise crítica em relação não só ao setor de Terapia Intensiva mas à estrutura de um hospital universitário como um todo. Nessa crítica pudemos ponderar sobre a relevância assumida pela técnica, pela burocracia, pela preservação do corpo biológico, muitas vezes em detrimento do Ser que adoece, que está hospitalizado, que necessita ser cuidado e que vivencia sua terminalidade.

A falta de um preparo para lidar com as questões de morte bem como a de um sistema de apoio para o paciente, familiares e profissionais foi bastante ressaltada pelos alunos.

Para a abordagem na disciplina de Saúde Pública, convidamos Mendes para estar expondo seu estudo com o Ser Hanseniano (23).

Muito embora não se trate de um texto sobre o tema da morte, entendemos que poderia trazer contribuição à questão do Ser que adoece, ressaltando o doente e não a doença, o sendo-doente e as perspectivas do vir-a-ser. Tal estudo, fundamentado no pensamento de Heidegger, aborda uma espécie de morte social do paciente hanseniano, possibilitando rica discussão numa analogia ao que pode ocorrer com o paciente à morte. Possibilitou ainda novos subsídios para discussão das questões da impessoalidade no relacionamento cotidiano do Ser doente inserido num sistema de saúde.

O último momento acadêmico contemplou

a questão da morte na criança. O texto selecionado para leitura foi o de Boemer & Do Valle (9) sobre o significado do cuidar da criança com câncer. Após o tempo previsto para leitura solicitamos se havia alguém que pudesse comentar o que fora lido. Uma das alunas, funcionária do setor de Pediatria, cujo conviver com essa criança faz parte de seu cotidiano de trabalho, manifestou-se e, assim o fazendo, assumiu a liderança da discussão.

Essa aluna sintetizou o texto de uma forma que o seu vivenciar neste setor foi permeando o seu relato acerca dos resultados obtidos pelas autoras. E o fez com competência, seriedade e crítica, envolvendo os demais colegas e sensibilizando a todos para a importância de se requerer novos horizontes para assistência à criança gravemente enferma.

Pontos cruciais dessa assistência puderam emergir: a importância da presença da mãe, a pretensa onipotência médica, os conflitos de equipe médica e de enfermagem, a sobrecarga de trabalho, o profundo vínculo pessoal que se estabelece entre cada funcionário, a criança e sua mãe, o sofrimento pessoal de cada um e as ambigüidades que fazem parte de um processo de morte.

Foi bastante difícil encerrar este momento. Na realidade, o que foi possível foi um encerramento cronológico, pois as inúmeras questões levantadas certamente ainda serão objeto de muitas reflexões para todos que ali estavam. Afinal, esta era nossa expectativa maior.

Dado que este era o último momento acadêmico deste convívio, solicitamos dos alunos um depoimento individual, por escrito, a respeito do significado dessa proposta de educação para a morte.

Ressaltamos a importância da sinceridade, da individualidade da resposta, sem necessidade de identificação pessoal.

Por último, entregamos uma folha de papel em branco com a seguinte frase: "Era uma vez uma turma de alunos do curso de auxiliar de enfermagem que teve algumas aulas sobre morte".

Solicitamos, então, que cada um escrevesse uma parte desta estória dando á ela a seqüência que desejava

Quadro I. permite a visualização de toda a trajetória pedagógica que expusemos.



ANALISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O nosso empenho com a educação mesma, descaracterizando a idéia de educação como instrumentação, obrigatoriedade de presença e provas possibilitou aos educandos UMA abertura para poder estar aprendendo sobre morte, de uma forma livre.

Acreditar na importância de conduzi-lo neste caminhar, neste momento de seu vivenciar o seu "sendo aluno de auxiliar de enfermagem", exigiu dos autores o exercício da tenacidade e firme crença na relevância da proposta.

Várias dificuldades tiveram que ser contornadas, transpostas, exigindo uma constante busca para preservar o fundamental em cada abordagem, resguardando a essência daquilo a que nos propusemos.

Ainda que sob uma estrutura curricular compartimentalizada, ainda que abrindo brechas às vezes de forma incisiva, outras vezes subversivas, ainda que nossas próprias limitações, a experiência vem mostrar que o professor pode, em seu sendo-com-os-alunos, conduzi-los em direção à pessoa doente, ao abordar essa temática. E uma via de acesso ao Ser do homem, sujeito do cuidado.

Não conseguimos um envolvimento, uma sensibilização total. Dado nosso referencial de educação isso nem seria possível. Obtivemos graus de envolvimento, graus de cumplicidade com cada educando, em cada abordagem.

Assim, alguns se mantinham silenciosos durante os momentos de encontro não se expressando de forma verbal. O faziam permanecendo ou muito quietos nas cadeiras ou movimentando-se muito. Alguns contidos, outros sonolentos, apáticos ou mesmo inexpressivos.

O tempo já vivido de trabalho no hospital anteriormente ao ingresso no curso (mínimo de sete anos) por muitas vezes colocava-nos diante de educandos um tanto descrentes de possibilidade de mudanças de enfoque de uma assistência norteada por outros referenciais que não a burocracia, o estabelecimento e cumprimento de rotinas e normas, a execução de tarefas, ou seja, de uma enfermagem funcionalista.

A perspectiva de um novo horizonte de assistência aos pacientes que vivenciam situações de morte não era facilmente vislumbrada por eles e necessitava ser reelaborada, resgatada e reconstruída.

Foram muitas as vezes em que se mostraram pouco abertos à reflexão que cerca o tema.

Todo esse quadro implicou em muitos momentos de desânimo para nós durante os quais parecia impossível envolvê-los na temática. Eram necessárias várias estratégias para obter um olhar ou um aceno de cumplicidade, de inter-subjetividade.

Uma atenção permanente à idéia inicial foi fundamental - quem são nossos educandos - como é o mundo "ao seu redor", no cotidiano do seu trabalho, para que pudéssemos compreendê-los em suas expressões verbais e não verbais e tivéssemos ânimo para crer e possibilitar-lhes crença na viabilidade de uma assistência ao paciente à morte que contemple o Ser que vivencia sua finitude.

Todos os seis momentos acadêmicos de abordagem do tema foram permeados por muitos questionamentos e relatos de experiências pessoais dos educandos, revestidas de dificuldades no seu lidar com a morte.

As discussões passaram, necessariamente, pela questão da assistência de enfermagem trazendo à tona pontos cruciais dessa assistência e que envolvem todas as pessoas que cuidam do doente. De forma particular, esses educandos, que exercem a função de atendentes, têm muito presente esses pontos e os verbalizam: autonomia médica, anonimato das decisões da equipe, o entrave da burocracia de um hospital governamental, as terapias agressivas, os direitos do paciente, a crise atual da saúde, a ausência de um sistema formal de apoio ao paciente à morte, à sua família e à própria comunidade hospitalar no sentido de ajuda para lidar com situações angustiantes.

Estas observações vão ao encontro do relatado por Boemer e cols. (5) em estudo referente à proposta pedagógica para alunos do curso de graduação em enfermagem. Esses autores também se depararam com uma clientela inicialmente silenciosa, reticente, expressando de forma clara ou velada um desconforto. No presente estudo, ao lado dessas contingências, nos deparamos ainda com um cansaço natural dos educandos decorrente de um plantão noturno ou de um cansaço físico cumulativo.

Quando solicitamos de cada um que nos desse um depoimento por escrito sobre o significado da proposta de educação para a morte, queríamos obter a sua fala, ou seu dizer sobre esta experiência, de como ela estava se mostrando a eles.

A fala no referencial heideggeriano é entendida como revelação de parte do Ser que fala. O discurso torna possível a manifestação daquilo que se faz presente no discurso. Segundo Gadotti¹⁵, sua função é "fazer ver" alguma coisa. Naturalmente que a ambigüidade estará sempre presente. A ambigüidade do discurso finda-se na ambigüidade do fenômeno.

Sob esta perspectiva é que uma análise geral desses depoimentos pode contribuir para a análise global da proposta.

No sexto e último momento acadêmico havia quatorze alunos presentes à aula, possibilitando-nos, assim, olhar atentivamente para quatorze depoimentos¹.

As falas dos educandos evidenciam que esta proposta pedagógica mostrou-se a eles como importante, válida, proveitosa. Alguns mencionaram motivos que os levaram a perceber esta proposta desta forma. Vejamos algumas delas:

- *"Foi uma proposta muito importante, pois pude tirar proveito para me modificar ou tentar modificar minha maneira de agir com respeito à morte..."*
 - *"Valeu porque mesmo assim nós desabafamos, nos deu uma certa bagagem..."*
- Nossas observações já mencionadas acerca da linguagem não verbal do educandos, expressa, muitas vezes em movimentos corporais e faciais, encontram ressonância em suas falas:
- *"Trata-se de um assunto um pouco deprimente..."*
 - *"A morte é uma palavra dura e triste que as pessoas em geral procuram evitar de querer falar..."*
 - *"É um assunto que a gente foge sempre, não gostamos de falar sobre morte..."*

¹Os depoimentos dos alunos encontram-se com os autores, à disposição dos leitores.

Essas falas mostram que, embora habitando o mundo do hospital no qual a morte se faz presente, esses educandos têm um tempo de convívio que inclui a angústia e o medo.

A literatura sobre o tema também vem expondo sobre o fenômeno da morte no sentido de que a angústia será sempre inerente a ela. A morte nunca estará livre de emoções e nem poderá ser intelectualizada.

Ter isto presente em nossa proposta educacional foi bastante importante dado que ela não continha a idéia de fornecer receitas, soluções ou modelos para interagir em situações de morte.

No Brasil, estudos realizados (18, 27, 5, 6) com variadas clientelas de educandos também alertam para a relevância de um enfoque desta natureza.

De forma interligada à sua angústia diante do tema, surge nos depoimentos dos educandos a percepção que estão lidando com a morte e o morrer no seu cotidiano. Suas falas evidenciam suas percepções.

- *“Nem sempre as pessoas se sentem preparadas com relação à morte, mesmo lidando e convivendo com ela no dia-a-dia...”*
- *“Sei que esta pequena injeção de morte pode mudar muito dentro do meu setor de trabalho...”*
- *“Nós que passamos grande parte de nossas vidas dentro do hospital necessitamos de orientação a respeito de nossa conduta perante a morte, pois às vezes não sabemos o que fazer...”*
- *“É duro e triste de falar, mas no ambiente hospitalar está acontecendo bastante...”*

O emergir do cotidiano de trabalho é uma faceta fundamental, também abordada por outros autores. Nesse sentido o estudo de Boemer e cols.⁶ revela alguns setores do mundo hospitalar sentidos como críticos aos olhos de quem o habita, por implicarem em situações bastante dolorosas: Setor de Pediatria, de Moléstias Infecto-Contagiosas, de Unidade de Queimados. Os educandos deste estudo embora não tenham explicitado esta percepção nos seus depoimentos, o fizeram durante as discussões dos textos.

Há de se ressaltar ainda que essa proposta pedagógica, de forma coerente com o referencial educacional que a norteia, procurou preservar lideranças que surgiam naturalmente nos encontros. Desta forma, foram muitas as situações em que um educando, dado o seu existir cotidiano num determinado setor, assumia a liderança da discussão que envolvia seu contexto de trabalho.

Essa situação ocorria de forma natural e conferia rigor à discussão. Entendemos que nesses momentos era contemplado o sentido original de autoridade enquanto “fazer crescer” (*angere-late*). A pessoa presente que mais conhecia um cotidiano dele podia falar, com a autoridade de quem compartilha-com.

Cabia-nos, então, encontrar formas de catalizar o processo de discussão, num movimento dialético de aproximação e afastamento, possibilitando a ação pedagógica.

Uma preocupação com a continuidade da proposta para outras turmas é revelada nos depoimentos:

- *“Gostaria que este trabalho fosse passado para as próximas turmas, pois somos ensinados a lidar com a vida ...”*
- *“Esta proposta de educação para a morte deve continuar...”*

Também reaparece a preocupação com o cotidiano de seu trabalho:

- *“Eu acho que teria de ter este estudo para todas as pessoas, principalmente o profissional de saúde...”*
- *“Esta proposta de educação para a morte, deve ser levada a todos os funcionários...”*

Conforme já relatamos, ao lado dos depoimentos individuais foi solicitado que os educandos redigissem uma estória sobre a proposta partindo de uma frase: “Era uma vez uma turma de alunos do curso de auxiliar de enfermagem que teve algumas aulas sobre morte...” (a estória redigida pelos alunos encontra-se em Anexo 1)

Um olhar atento para esta estória permite observar que ela contém facetas do tema que se mostraram importantes nas

discussões, algumas mencionadas também nos depoimentos.

Muito embora a frase inicial proposta dissesse respeito à turma de alunos, ou seja, ao coletivo, as frases construídas individualmente dando seqüência à estória, permitem evidenciar sentimentos individuais redigidos no coletivo. Vejamos alguns trechos nesse sentido:

- *"... depois da primeira aula o pessoal ficou triste, achava um assunto muito ruim a ser falado, sempre achava uma desculpa para fugir da conversa ..."*
- *"Quando a professora falava tal dia tem uma aula, todos perguntavam: é a aula da morte?..."*
- *"Só que hoje é que o grupo sentiu a importância do assunto por isto é que sempre é bom participar, nem que seja da própria morte..."*

Nessa estória os educandos expressaram de forma mais clara o desconforto, a tentativa de fuga das discussões, de não comparecer a ela e a ansiedade que sentiram principalmente no início da proposta. Reflete também um processo de despertar para o tema e suas implicações nas diferentes dimensões de seu existir:

- *"Já existe hoje um homem que vê a morte com olhos diferentes..."*
- *"E agora ao chegar ao fim dessas aulas, senti a importância para o assunto e sei que vai me ajudar com respeito ao meu serviço..."*

Cabe mencionar ainda que construir a estória possibilitou a um educando expressar-se sobre a morte de uma colega de turma, ocorrida após o segundo momento acadêmico deste estudo. Tal morte nunca emergiu nas discussões e em nenhum depoimento. Na estória ela surge na fala desse um educando:

- *"Que teve uma colega que a morte a levou..."*

Finalizando a análise, podemos dizer que, na realidade, os educandos não escreveram uma estória. Escreveram sim uma história, que é a história dessa proposta pedagógica. Tem

uma historicidade na medida que contempla o tempo e o espaço dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a perspectiva de uma objetividade em perfis, inerente a metodologia qualitativa que caracteriza este estudo, podemos dizer que a proposta educacional atingiu nossos objetivos.

Os questionamentos suscitados pelos textos permitiu aos educandos a verbalização, discussão e reflexão sobre a prática profissional no contexto de um hospital universitário. As discussões nos remetiam a análises da assistência de enfermagem e, através delas, foi possível atentar para pontos críticos dessa assistência que envolvem todas as pessoas interligadas ao ato de cuidar.

Todos os seis momentos acadêmicos geraram abertura para discutirmos a importância de transcender o aspecto ôntico do exercício profissional, contemplando, ao lado da dimensão biológica, a dimensão existencial do ser que adoece e que caminha para sua finitude.

O existir profissional dos educandos também foi contemplado na medida que estivemos atentas ao experienciar de cada um, como percebia cada texto, como as situações da morte se mostravam a eles.

O educar para a morte em diferentes momentos acadêmicos do curso gerou para os educadores e educandos a idéia de que juntos percorríamos um caminho, uma trajetória, um percurso. Nesse caminhar foi necessário criar estratégias para acesso ao Ser de cada educando, num processo de garimpagem das coisas significantes para cada um, à luz de sua visão de mundo.

Este cuidado foi fundamental para sensibilização dessa clientela dada a dificuldade natural que reveste a abordagem sobre o tema.

O referencial de educação que norteou a ação pedagógica mostrou-se bastante pertinente à natureza da temática, como já relatamos, apesar de todas as contingências e limitações de um contexto educacional formal, pudemos manter

fidelidade e coerência àquilo que se nos mostrava essencial: a condução do educando para novas regiões de seu pensar a morte, a partir do seu conviver.

Nesse caminhar foi possível descobrirmos juntos que educar para a morte implica em educar para a vida, numa relação dialética.

Descobrimos ainda que o espaço físico limitado de uma sala de aula pode tornar-se um infinito espaço vivencial e, nesse sentido, concordamos com ALVES (28) quando diz que a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso que se estabelece. Espaço artesanal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, R.A. Conversas com quem gosta de ensinar. Cortez, 21ª ed., 1985.
2. ARIES, P. A história da morte no ocidente. Tradução P.V. Siqueira. Rio de Janeiro, 1977.
3. BOEMER, M.R. A morte e o morrer. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 1989.
4. BOEMER, M.R. O fenômeno morte: o pensar, o conviver e o educar. Ribeirão Preto, 1989. Tese (livre-docência) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
5. BOEMER, M.R. *et alli*. O tema da morte: uma proposta de educação. In: Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, 12 (1): 26-32.
6. BOEMER, M.R. *et alli*. Dimensão Pedagógica do tema da morte. In: Programa do 6º Seminário Nacional de Pesquisas em Enfermagem, Rio de Janeiro, 1991.
7. BOEMER, M.R. *et alli*. A idéia da morte no idoso: uma abordagem compreensiva. In: Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 10, n. 2, 1989.
8. BOEMER, M.R. *et alli* A idéia de morte na unidade de terapia intensiva. Análise de depoimentos. In: Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1989.
9. BOEMER, M.R. & DO VALLE, E.R.M. O significado de cuidar de crianças com câncer - visão das enfermeiras. In: Revista Gaúcha de Enfermagem, Brasília, v. 41, n. 1, p. 56-63, jan/marc. 1988.
10. BICUDO, M.A.V. A filosofia da educação centrada no aluno. In: Martins, J. Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação. São Paulo, Moraes, 1983.
11. CAMPBELL, L., I.W. *et alli* Do death attitude of nurses and physicians differ? In: Torres, W.C. Sondagens de atitudes frente à morte em universitários das áreas de saúde, psicologia e teologia - Relatório técnico. Rio de Janeiro, C.B.P.P. / I.S.O.P. / F.G.V., 1987.
12. CASSORLA, R.M.S. Da morte - Estudos brasileiros. São Paulo, Papirus, 1991.
13. CRITELLI, D.M. Para recuperar a educação: uma aproximação à ontologia heideggeriana. In: Heidegger, M. Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social. Tradução Dulce Mara Critelli - São Paulo, Moraes, 1981.
14. DRESLER, D.E. & BOEMER, M.R. O significado do cuidado do paciente com A.I.D.S. - Uma perspectiva de compreensão. In: Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, 44 (1): 70-80, Jan/Mar. 1991.
15. GADOTTI, M. A educação contra a educação. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2ªed., 1982.
16. HEIDEGGER, R. M. El ser y el tiempo. Tradução J. Gaos. México, Fondo de Cultura, 1967.
17. KASTEMBAUM, R. & AISEMBERG, R. Psicologia da morte. Tradução Adelaide Peters Lessa. São Paulo, Pioneira - U.S.P., 1983.
18. KOVACS, M.J. A questão da morte e a formação do psicólogo. São Paulo, U.S.P., Instituto de Psicologia, 1989, Tese (doutorado). 211 p.
19. KÜBLER-ROSS, E. Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer. Tradução W. Dias da Silva e Tereza Liberman Kipnis. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
20. KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. Tradução Paulo Menezes. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
21. MARTINS, J.S. A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo, Hucitec, 1983.
22. MARTINS, J. Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poésis. São Paulo, Cortez, 1992.
23. MENDES, I.J.M. O ser hanseniano. Ribeirão Preto, U.S.P. - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1987, Tese (doutorado), 98 p.
24. PIRES, J. R. Educação para a morte. Ed. Espírita Correio Fraternal do A.B.C., 1ª ed., março, 1984.
25. POPIM, R.C. & BARBIERI, A. O significado da morte perinatal - depoimentos de mães. In: Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 33-40, Jan. 1990.
26. QUINT, J.C. The social context of dying. Conference of Terminal Illness and Impeding Death Among the Aged. Washington, D.C., May, 1966. In: R. Kastembaun & R. Aisenberg, Psicologia da morte. São Paulo, Pioneira/ U.S.P., 1983.
27. TORRES, W.C. *et alli* Sondagens de atitudes frente à morte em universitários das áreas da saúde, psicologia e teologia - Relatório técnico. Rio de Janeiro, C.B.P.P./ I.S.O.P. / F.G.V., 1987.
28. ZIEGLER, J. Os vivos e a morte. Tradução Aurea Weissemberg. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

ANEXO 1

Era uma vez uma turma de alunos do curso de Auxiliar de Enfermagem que teve algumas aulas sobre morte...

Foi importante essas aulas apesar de ter que falar sobre a morte, depois da primeira aula o pessoal ficou triste, achava um assunto muito ruim a ser falado, sempre achava uma desculpa para fugir da conversa.

Quando o professor falava tal dia tem aula, todos perguntavam: é a aula da morte? E agora ao chegar ao fim dessas aulas, senti a importância para o assunto e sei que vai me ajudar com respeito ao meu serviço, e o aluno faltava por achar o assunto ruim, falar sobre a morte sempre deprime mais no fim das contas todos participam com atenção porque é importante e real.

O texto morte é uma palavra ruim, os alunos não queriam vir à aula, pois vinham para evitar a falta no estágio foi duro de aguentar esta sala estas cadeiras duras.

Só que hoje é que o grupo sentiu a importância do assunto. Por isto é que sempre é bom participar, nem que seja da própria morte.

Já existe hoje um homem que vê a morte com olhos diferentes, apesar de ser um assunto difícil de se tratar, foi muito importante na nossa vivência dentro do hospital. Mas ninguém pode fazer nada porque a morte é a morte.

Que teve uma colega que a morte levou.

A vida é vivida e não discutida e a morte ninguém tem certeza de quando e como ela virá.

The End (FIM)